

Resumo: O artigo situa o texto de At 6, 1-7 no contexto da época em que foi redigido. O autor levanta algumas situações que desafiaram as comunidades cristãs no final do primeiro século. Analisa as possíveis intenções de Lucas, a quem é atribuído o livro de Atos dos Apóstolos, ao descrever o episódio da escolha dos sete diáconos. A exclusão das viúvas dos helenistas na distribuição diária de alimentos revela contradição ao modelo de comunidades cristãs, apresentadas por Lucas em três momentos, antes da escolha dos diáconos. Essas mulheres, certamente, não ficaram passivas frente à violação de seus direitos. O clamor delas transformou-se em movimento de reivindicação. Os “doze apóstolos” e os “sete diáconos” são caracterizados como dois cristianismos originários, com posturas e teologias diferentes. Apesar dos conflitos evidentes entre ambos, são grupos cristãos legítimos e complementares. Nas considerações finais reflete sobre alguns pontos que iluminam o exercício do ministério do Diaconato em nossos dias.

Abstract: The ministry of the diaconate is commonly based on the narrative of the “Institution of the Seven” which is found in the Acts of the Apostles. The author aims at analyzing this text (At 6, 1-7) and giving an account of the historical context with special interest in the time of its composition. His concern is to situate the Christian community in its time and age and to throw light upon the intentions of the authors of the narrative at hand. The exclusion of the helenists’ widows reveals a contradiction to the model of the Christian communities, described by Luke in three moments, before the choice of the deacons. These women, evidently didn’t remain passive regarding the violation of their rights. Their clamour evolved into a movement of reivindication. The “twelve apostles” and the “seven deacons” are characterized as two originary christianisms, with different positions and theologies. In spite of evident conflicts, both are legitimate and complementary Christian groups. Then the author sets forth the significance of the ministry of the deacon, and comments on the three prerequisites for the selection of the “seven”. He presents a comment on inspiring texts from the OT. In the light of these insights he offers some practical hints for the ministry of the deacons in our time.

Os Doze e os Sete: uma abordagem de At 6,1-7

*Celso Loraschi**

* O autor é Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos e Professor no ITESC.



Introdução

Normalmente fundamenta-se o ministério do Diaconato a partir do episódio da escolha dos “sete diáconos”, conforme encontramos no livro de Atos dos Apóstolos. A intenção deste estudo é analisar este texto de At 6,1-7 buscando contextualizá-lo no tempo em que foi redigido. O livro de Atos dos Apóstolos é considerado o segundo volume da obra do evangelista Lucas. Buscaremos entender qual a situação em se encontravam as comunidades cristãs e as intenções dos autores da narrativa em questão. A partir desta compreensão, desejamos levantar algumas pistas indicativas para o ministério do Diaconato, válidas também para os outros ministérios, em nossos dias.

A obra de Lucas em seu contexto histórico

A obra de Lucas (Evangelho + Atos dos Apóstolos) situa-se entre os anos 80 e 90 de nossa era. Sabe-se que, provavelmente, não foi uma pessoa apenas que elaborou esta obra. Mesmo que Lucas tenha sido o principal redator, conforme acredita a tradição cristã, as reflexões são fruto de uma caminhada feita por muita gente. Provavelmente o local principal de sua redação foi Antioquia da Síria. Nesta cidade formou-se uma comunidade cristã de mentalidade mais aberta do que a comunidade de Jerusalém. Tornou-se um centro irradiador das missões de Paulo e suas equipes, nas décadas de 40 e 50. Lucas participou também destas viagens missionárias, o que lhe proporcionou conhecer diversas realidades que desafiaram o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. Podemos enumerar algumas destas situações:

1. **Diversas culturas.** Dentro do Império Romano se entrecruzavam basicamente três culturas: a grega, a judaica e a romana. Lucas era de cultura grega. Cada uma delas tem seus costumes e tradições; mentalidades e interesses próprios; práticas econômicas, políticas e religiosas diferenciadas... Paulo e suas equipes missionárias têm a convicção de que a proposta de Jesus não pode ser excludente. Como fazer para que as pessoas de todas as culturas cheguem a compreender e viver segundo esta proposta? Como fazer para que a fraternidade seja efetivada no cotidiano da vida das comunidades formadas por membros destas diversas culturas?



2. **O judaísmo rabínico.** A obra de Lucas foi elaborada alguns anos depois da destruição do Templo de Jerusalém pelo exército romano no ano 70. Alguns anos após este fato, os rabinos judeus se reuniram na cidade portuária de Jâmnia e decidiram, entre outras coisas, pela expulsão das sinagogas de todos os judeus convertidos à fé cristã, pois foram julgados como traidores da única verdadeira religião. Ora, os cristãos aderiram a Jesus porque tinham a convicção de que ele era o Messias-Salvador. Essa situação se transformou num grande desafio. Como fazer para que os judeus cristãos se sentissem acolhidos e amados na nova comunidade?
3. **O sistema de pureza.** O judaísmo rabínico não admitia relacionamentos com estrangeiros. Uma falta considerada gravíssima era comer na mesma mesa com pessoas estrangeiras. As comunidades cristãs, desde o começo, tinham a prática de reunir-se nas casas para realizar a Ceia em memória de Jesus. A casa era o espaço do encontro e da organização das comunidades cristãs. Apareceu a questão prática: como tornar possível a comunhão de mesa entre judeus e estrangeiros, partilhar a palavra e os alimentos como expressão de amor (ágape)? Enfim, como superar o sistema religioso excludente e organizar um novo jeito de convivência?
4. **Os judaizantes.** Eram grupos de homens, provindos do judaísmo, que pregavam a obrigatoriedade da circuncisão também para os estrangeiros. Só assim eles poderiam salvar-se. Neste grupo havia judeus cristãos. Essas pregações causavam dúvidas em diversos participantes da comunidade. Até entre algumas lideranças: deve-se exigir ou não a circuncisão como critério para a salvação?
5. **Pobres e ricos.** Na Obra de Lucas encontramos muitos textos que refletem a questão social. É sinal de que nas comunidades cristãs havia a participação de pessoas pobres, em sua maioria, e também de pessoas ricas. Pelo tom que estes textos falam do assunto percebe-se que se trata de uma questão crucial. São indicativos de que o seguimento de Jesus implica entrar no caminho da justiça e, portanto, administrar os bens materiais de forma que possam servir à vida digna de cada ser humano. Como convencer, sobretudo as pessoas ricas, a entrar neste caminho de partilha e solidariedade?



6. **Mulheres e homens.** O projeto de inclusão social não apenas visava a acolhida dos estrangeiros e pobres, mas também das mulheres. No Evangelho de Lucas constata-se a preocupação de valorizar as mulheres e apresentá-las como seguidoras de Jesus junto com os Doze, colocando seus próprios bens a serviço da missão (cf. 8,1-3). Em Atos dos Apóstolos percebe-se o esforço de nominar mulheres como protagonistas da Evangelização. Certamente os autores estão reagindo à institucionalização da Igreja, pelo final do primeiro século, onde uma hierarquia, de características masculinas, estava se impondo. Como superar uma cultura patriarcalista e a tendência masculinizante nas comunidades cristãs?
7. **Perseguições, conflitos, desânimo, acomodação...** O primeiro fervor dos discípulos e discípulas havia passado. A dura realidade de perseguição externa, divisões internas e problemas de toda ordem provocavam desânimo e desistência de várias pessoas. O livro de Atos dos Apóstolos está permeado de conflitos. Como permanecer firmes e unidos na mesma fé e na prática de amor fraterno no cotidiano das comunidades?

Pôr-se em caminhada

Estes desafios revelam os motivos que levaram à elaboração da obra de Lucas. É preciso pôr-se em caminhada! É preciso fazer com que a Palavra de Deus que começa em Jerusalém chegue até os confins da terra (cf. At 1,8). Tudo vai acontecendo sob o impulso do Espírito Santo. Ele indica que o caminho de Jesus (Evangelho) deve ser continuado pelo caminho das Comunidades (Atos dos Apóstolos). Jesus e as Comunidades revelam o caminho da Salvação de Deus na história humana.

Lucas, então, no livro de Atos dos Apóstolos, resgata a história das primitivas comunidades cristãs: da ressurreição de Jesus à chegada de Paulo a Roma (pela década de 60), correspondendo ao chamado “período apostólico”. O modo como descreve, no entanto, demonstra que ele está refletindo a partir da realidade das comunidades na época da redação de sua Obra, quando a fé cristã está espalhada em muitas cidades do Império Romano. Como vimos acima, há cristãos desorientados e até divididos em diferentes segmentos. Além do mais os apóstolos e as demais testemunhas de Jesus histórico já morreram.



A preocupação de fundo é salvar a unidade da fé na pluralidade de culturas e na originalidade de cada comunidade. O período apostólico, também conhecido como a época da primeira geração de cristãos, será o fundamento sobre o qual as igrejas domésticas poderão alicerçar-se sem o perigo de dispersar-se. A fidelidade ao testemunho da primeira geração de cristãos torna-se o fio que liga as comunidades entre si. Não é por acaso, então, que os primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos são dedicados às comunidades de Jerusalém – a Igreja mãe –, caracterizadas como o retrato ideal para todas as demais (cf. 2,42-47; 4,32-35; 5,12,16).

Os novos desafios

Jerusalém, segundo Atos dos Apóstolos, é o ponto de partida da irradiação da Boa Nova de Jesus. A Palavra – o testemunho de Jesus morto e ressuscitado –, vai se espalhar em círculos sempre mais amplos, provocando o crescimento da Igreja: *“A cada dia o Senhor acrescentava ao seu número os que seriam salvos (2,47). Muitos dos que tinham ouvido a Palavra abraçaram a fé. E seu número, contando-se apenas os homens, chegou a cerca de cinco mil (4,4)... Mais e mais aderiam ao Senhor, pela fé, multidões de homens e mulheres” (5,14)*. As informações a respeito do crescimento do número de pessoas convertidas à fé cristã são como refrões, várias vezes repetidos, para mostrar que o Evangelho é anunciado e acolhido de forma muito eficiente, sob a força do Espírito Santo (cf. ainda 9,31; 11,21; 16,5).

Com este crescimento acelerado do número das pessoas que aderiam a Jesus foram aparecendo novos desafios. É dentro deste contexto que deve ser analisado o episódio narrado em At 6,1-7. Assim traduz a Bíblia de Jerusalém:

“Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, surgiram murmurações dos helenistas contra os hebreus. Isto porque, diziam aqueles, suas viúvas eram esquecidas na distribuição diária. Os Doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: ‘Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta tarefa. Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra’. A proposta agradou a toda a multidão. E escolheram Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram-nos aos apóstolos e,



tendo orado, impuseram-lhes as mãos. E a palavra de Deus crescia e o número dos discípulos multiplicava-se enormemente...”

Conforme podemos perceber, o texto inicia e termina referindo-se ao crescimento do número de discípulos. As novas demandas que surgem daí devem ser consideradas pelos líderes comunitários, os quais têm a missão de indicar, de forma colegiada, os caminhos adequados em cada contexto.

Discriminação entre cristãos?

No esquema de Lucas, o capítulo 6 de Atos dos Apóstolos funciona como porta de entrada do Evangelho para o mundo dos helenistas. Mais adiante, a partir do capítulo 9, o Evangelho alcançará o mundo dos gentios. Os *helenistas* são judeus de língua e cultura gregas, enquanto os *hebreus* são judeus de cultura hebraica e falam o aramaico, fiéis à Lei e ao Templo. Representam duas maneiras de colocar em prática a fé cristã. São dois cristianismos originários. Os cristãos helenistas reclamam contra os cristãos hebreus pela falta de atendimento às viúvas. Elas são esquecidas na distribuição diária.

Sabemos que as viúvas, a maioria delas com filhos, ficavam sem nenhuma segurança econômica. Pela narrativa, tem-se a impressão de que as viúvas dos hebreus eram amparadas pela comunidade judaico-cristã de Jerusalém. O texto diz claramente que havia uma distribuição diária. Certamente era a aplicação do fundo existente no Templo com a finalidade específica de atender às necessidades das viúvas e pessoas idosas. Portanto, há um problema de divisão interna muito grave por tratar-se de cristãos. O problema reside no fato dos hebreus cristãos permanecerem apegados à estrita observância das leis do judaísmo e, por isso, não comiam na mesma mesa com os helenistas e gentios, pois eram considerados impuros. O preconceito e a discriminação se evidenciam no texto em questão.

Alguns analisam este episódio atribuindo o conflito levantado à negligência dos que eram encarregados pela distribuição dos alimentos às pessoas empobrecidas. Entre os negligentes estariam os próprios apóstolos preocupados muito mais com o ensino do que com a administração dos bens. Pergunta-se, no entanto, se realmente se trata de negligência. Não teriam os apóstolos, como testemunhas oculares do Senhor Jesus, a consciência de dedicar-se plenamente ao ensinamento



dos novos discípulos, cujo número aumentava a cada dia? Não estaria Lucas enfatizando a prioridade do ensino dos Apóstolos como fundamento imprescindível para alicerçar as comunidades cristãs primitivas? Neste aspecto, ressalte-se que a primeira característica do primeiro retrato modelo das comunidades de Jerusalém, é exatamente a assiduidade dos discípulos de Jesus no ensinamento dos Apóstolos: “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42). Também na descrição das características do segundo retrato, lemos: “Com grande poder, os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor, e todos tinham grande aceitação” (4,33). Fica evidente que a prioridade para os apóstolos é o ministério da Palavra.

Ainda neste sentido, pela mesma época da redação da obra de Lucas, surge o escrito intitulado “*Didaqué – Instrução dos Doze Apóstolos*”, uma espécie de “catecismo dos primeiros cristãos”. Os lugares prováveis de sua redação seriam Síria ou Palestina. Não há dúvida de que tanto os autores dos Atos como os da *Didaqué*, pretendem instruir as comunidades do final do primeiro século, alertando-as para a fidelidade ao testemunho dos apóstolos.

Novas saídas

A realidade de exclusão das viúvas pobres dos helenistas contradizia frontalmente o ideal da *koinonia*, isto é, da partilha dos bens conforme a necessidade de cada pessoa (cf. 4,32-35). Esta característica estava sendo desrespeitada. Lucas tem consciência que a divisão entre hebreus e helenistas não podia continuar! A negligência, muito menos. O caminho que Jesus apontou é de abertura e acolhida para mulheres e homens, judeus ou estrangeiros. O seguimento de Jesus implica a comunhão de mesa. Portanto, as diferenças culturais implicam numa questão teológica.

Os apóstolos, tendo seu lugar social predominante na cidade de Jerusalém, estão ainda muito amarrados ao legalismo judaico e ao Templo que frequentam com assiduidade. Os autores dos Atos dos Apóstolos, porém, tomam cuidado para não enfatizar a separação entre os dois grupos. Conforme acenado acima, a solução está em aceitar a autoridade dos Doze que sugerem um caminho que resguarda a *koinonia* e garante a unidade. A mesma fé em Jesus Cristo era muito mais importante do que as diferenças culturais e teológicas. Isto em tese, pois o que Estevão, um



dos Sete, vai assumir e declarar publicamente revela que a teologia dos helenistas distanciava-se daquela concebida pelos hebreus (cf. At 7).

Diante da crise evidenciada propõe-se que o melhor caminho a ser tomado é o da tolerância entre grupos e práticas diferentes. Para isso, a distribuição de tarefas torna-se importante. Os Doze têm a função de delegar ministérios segundo a necessidade das comunidades. Para o caso das viúvas desassistidas, eles reúnem os discípulos e, de forma participativa e dialogada, tomam a decisão de escolher *“sete homens para servir às mesas”*. Certamente que a função destes não se restringia às viúvas dos helenistas e sim à tarefa de garantir os recursos necessários para suprir as necessidades das pessoas pobres. *“Os doze continuariam assíduos à oração e ao ministério da Palavra”*.

É bom lembrar que, na Bíblia, tanto o número “doze” como o “sete” são expressões da totalidade querida por Deus. São números sagrados. Em outras palavras, os dois grupos, com suas originalidades culturais e teológicas, são legítimos. O grupo dos helenistas, porém, manifesta maior abertura aos povos e mais disposição de acolhida. É o que podemos perceber pela atuação missionária de Filipe (At 8-9) que se aproxima inclusive de um etíope, caminha e dialoga com ele e lhes explica a Sagrada Escritura. O resultado desse encontro foi o batismo do africano. O grupo dos helenistas também se revela como mais profético e menos institucional. Isso se constata, sobretudo, pelo discurso de Estevão que denuncia o sistema do Templo e, por isso, foi apedrejado até morrer (At 7). Com este fato, os helenistas são perseguidos em Jerusalém e precisam dispersar-se por diversos locais (cf. 11,19).

A Diaconia

O termo “diácono”, como substantivo, não é usado neste texto de At 6,1-7. Em várias passagens da Bíblia, este vocábulo é usado para designar as pessoas que estão a serviço de um mestre ou de outra pessoa. Paulo chama de diáconos às autoridades civis, enquanto servidoras ou instrumentos de Deus (Rm 13,4). Os serventes nas Bodas de Caná, também são designados de diáconos (Jo 2,5.9); aí também tem o sentido de servir às mesas como em Atos dos Apóstolos. Jesus orienta os seus discípulos a serem “diáconos”, isto é, servos uns dos outros (10, 43). Paulo considera-se diácono ou ministro de Cristo. De forma mais abrangente, diácono é toda pessoa seguidora de Jesus; é aquela que se



coloca a serviço de Deus ou de Jesus Cristo (2Cor 6,3-4), dedicando-se ao bem do próximo.

Em At 6,2 encontramos o verbo grego “diaconein” (servir), seguido de uma especificidade: às mesas. Certamente havia outras atribuições aos diáconos, além da administração das mesas. De fato, o ministério da Diaconia deve ter sido incorporado, desde muito cedo, nas comunidades cristãs. Assim encontramos na carta aos Filipenses a saudação de Paulo dirigida também “aos episcopos e diáconos” (F 1,1). Na carta aos Romanos ele pede à comunidade de Roma que receba com carinho a Febe, “diaconisa da Igreja de Cencréia”. Portanto, o ministério da Diaconia era exercido tanto por homens como por mulheres e suas atribuições não se restringia ao serviço das mesas. Filipe e Estevão, por exemplo, dedicam-se ao anúncio da Palavra e nada se fala sobre a função para a qual foram escolhidos. Guiados pelo dom do Espírito Santo, concedido de forma original a cada pessoa, colocam-se a serviço da Palavra, indo além da específica função de servir às mesas.

Os três atributos

Na escolha democrática dos sete diáconos manifesta-se a preocupação com os atributos necessários para o exercício deste ministério. Devem ser pessoas de “boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria”. São três qualidades que a comunidade, criteriosamente, deve ter presente ao escolher seus ministros.

1. **Boa reputação.** A maneira de ser de cada pessoa revela-se na sua vida cotidiana. As atitudes de cada um, bem como o modo como age, refletem seu caráter com suas convicções. Especialmente a integridade, a honestidade e a transparência são fundamentais para quem exerce o cargo de administração dos bens, bem como o senso de justiça e amor aos pobres. O termo “reputação” está ligado ao testemunho de vida comprovado pela comunidade. Os “sete diáconos”, portanto, devem ser bem conhecidos na sua história pessoal, familiar e profissional. O seu testemunho confere confiança e credibilidade.
2. **Repletos do Espírito.** Na Obra de Lucas, o Espírito Santo, é o principal protagonista da evangelização. Ele age através dos discípulos e discípulas de Jesus. Não há seguimento verdadeiro do Evangelho sem a graça do Espírito. Em outras palavras, os



diáconos devem ser pessoas de Deus, dinâmicas, destemidas e criativas. O Espírito Santo contrasta com o espírito deste mundo ou, na expressão de Paulo, as obras da carne ou dos instintos egoístas são contrárias às obras do Espírito (cf. Gl 5,16-24). Sendo a fonte de todos os dons é dele que provém “o amor, a alegria, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a mansidão, o autodomínio”. Sem os dons do Espírito, qual o ser humano que poderia colocar-se a serviço de Deus dedicando-se verdadeiramente para o bem das pessoas necessitadas?

3. **Repletos de Sabedoria.** No ministério de Diaconia como serviço às mesas implica em administração dos bens materiais. Lidar com o dinheiro e aplicá-lo de forma justa exige sabedoria. Este dom também garante a tomada de decisões de forma correta. Ele ilumina o caminho a ser seguido para superar conflitos sem abdicar do que é verdadeiro. Ele proporciona à liderança, junto com a comunidade, a capacidade de estabelecer as metas prioritárias a partir da realidade. O texto que estamos estudando indica que a prioridade naquele contexto é garantir vida digna às pessoas excluídas, no caso, as viúvas dos helenistas. Os sete diáconos foram escolhidos para encontrar soluções práticas em vista deste objetivo. Cada situação concreta exige atitudes e métodos adequados e eficientes.

Textos inspiradores

A indicação dos três atributos necessários para o exercício da Diaconia demonstra o cuidado e o discernimento que a comunidade deve ter para “não entrar em canoa furada”. Estes critérios nasceram a partir de experiências concretas tanto no povo da Primeira Aliança como nas comunidades cristãs primitivas. Neste sentido, encontramos, por exemplo, muitos textos de denúncias proféticas contra as atitudes de lideranças civis e religiosas que, ao invés de servir ao bem do povo, o explora para satisfazer os interesses próprios.

Há um texto que revela íntima ligação com os critérios estipulados na escolha dos sete. Poderá ter servido de inspiração aos autores de Atos dos Apóstolos. É o que se refere à escolha dos Juízes que deveriam servir às tribos de Israel. O conselho provém do sogro de Moisés, após observar a atitude centralizadora do seu genro, principal líder do Êxodo: “*Escuta o conselho que te dou para que Deus esteja contigo: representa o povo*”



diante de Deus, e introduze junto de Deus as suas causas. Ensina-lhes os estatutos e as leis, faze-lhes conhecer o caminho a seguir e as obras que devem fazer. Mas escolhe do meio do povo homens capazes, tementes a Deus, seguros, incorruptíveis e estabelece-os como líderes...” (Ex 18,19-21).

É fácil perceber a semelhança do texto de Êxodo com o de Atos dos Apóstolos. Ambos estabelecem a divisão de funções, ficando com Moisés e os Apóstolos a tarefa de formação da consciência do povo a partir da Lei de Deus ou da Palavra; ambos devem dedicar-se igualmente à oração; ambos também confirmam as novas lideranças para as necessidades emergentes. Os dois textos ainda determinam as qualidades necessárias para o exercício de liderança comunitária.

Pela afinidade ao que estamos tratando, lembramos das orientações dos autores da primeira carta a Timóteo, especificamente para a admissão de diáconos: “... *devem ser respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados ao vinho, sem cobiçar lucros vergonhosos, conservando o mistério da fé com consciência limpa. Também sejam experimentados e, em seguida, se forem irrepreensíveis, sejam admitidos, na função de diáconos. Também as mulheres, devem ser respeitáveis, não maldizentes, sóbrias, fiéis em todas as coisas...* (1Tm 3,8-11).

Por estes e outros textos, percebemos que a preocupação com as qualidades das lideranças comunitárias, tanto políticas como religiosas, perpassa a Tradição Judaico-Cristã. A fidelidade delas ao projeto de Deus assegura a caminhada de toda a comunidade. A fidelidade a Deus corresponde à fidelidade ao serviço da vida digna para todas as pessoas, a partir das mais necessitadas.

A delegação do ministério provém dos apóstolos. O rito da imposição das mãos tem sua origem na tradição da Primeira Aliança. É o gesto que transmite a bênção; também produz cura e libertação. Jesus usou deste ritual frequentemente. Pela imposição das mãos sobre os sete diáconos, os apóstolos transmitem-lhes a sua autoridade. Também neste aspecto percebemos a semelhança com outro episódio da vida de Moisés: ao transmitir sua autoridade a Josué, impõe-lhe as mãos (cf. Nm 27,23). Para os autores de Atos dos Apóstolos, é muito importante cultivar a fidelidade à linha apostólica.



A síntese dos desafios

Olhando atentamente o texto de At 6,1-7 percebe-se que o mesmo sintetiza os grandes desafios que as comunidades de Lucas estão enfrentando, como vimos no início desta abordagem, e aponta caminhos de solução. Primeiramente, o desafio das *diferentes culturas*: os hebreus e os helenistas, sem se confundirem, seguem a Jesus de forma original e somam as forças em vista da construção de uma nova sociedade. O mesmo projeto de Jesus se desenvolve na pluralidade das culturas. Junto a este primeiro desafio estão os do *judáismo formativo, do sistema de pureza e dos judaizantes*. O grupo dos hebreus cristãos, mais apegado ao Templo e à Lei, por si mesmo não percebeu a exclusão das viúvas dos cristãos helenistas. Faz-se necessário resgatar a mesma prática de Jesus que tinha sua atenção voltada às pessoas em situação de necessidade. O texto sugere abertura e distribuição de tarefas.

A tradição do *judáismo* excludente ainda exerce forte influência. O sistema de pureza dificulta aos hebreus de sentar-se à mesma mesa com helenistas e estrangeiros. Seria contaminar-se de impureza. Os *judaizantes*, certamente, contribuíram com suas pregações para impedir a comunhão de mesa entre judeus e helenistas. Não sabemos se, com a escolha dos sete diáconos, esta comunhão aconteceu de fato.

Por fim, constatamos no texto a questão da discriminação entre *ricos e pobres*, e entre *mulheres e homens*. Podemos supor com certa segurança que o clamor daquelas mulheres viúvas transformou-se num movimento de reivindicação até chegar à estância decisória que era concentrada em grupos masculinos. Aceitamos também a tese de que elas estariam na “multidão dos discípulos” convocados pelos Doze. Sua presença não devia ser passiva. Enfim, os conflitos que perpassam este texto retratam os desafios enfrentados na organização das comunidades primitivas. O Espírito Santo, realmente, precisou agir com sua graça. Assim como hoje.

Considerações finais

O texto que estudamos é inspirador para os nossos tempos. A atenção à realidade das pessoas que sofrem deve ser a prioridade de toda ação pastoral. A prática de Jesus, o bom pastor, é o modelo para os seus seguidores de todos os lugares e de todos os tempos. O ministério da Diaconia, a partir do episódio da escolha dos sete, tem a nobre missão de



organizar a caridade, não como assistencialismo, mas como expressão da justiça divina. Cada situação nova precisa ser enfrentada de forma nova, com novas organizações e com a liderança de pessoas com credibilidade social. Há necessidade de qualificação permanente e do cultivo dos dons que o Espírito Santo oferece gratuitamente e de forma original a cada pessoa. A ênfase dada pelo texto não está no ativismo sem reflexão. A oração, a meditação, a intimidade com Deus e a compreensão do seu projeto são fundamentos para a ação.

A dimensão ecumênica é bem evidenciada no texto que estudamos. Ela precisa ser assumida como forma necessária para o restabelecimento da justiça, da fraternidade e da paz no mundo. Também a dimensão profética: o clamor das pessoas excluídas deve ressoar no coração de todas as pessoas discípulas de Jesus. O clamor precisa transformar-se em movimento de reivindicação como fizeram as mulheres dos helenistas, excluídas do direito à alimentação.

A caminhada de cada comunidade é marcada por muitas e diferentes situações conflituosas. Como sempre se diz, as crises são oportunidades de purificação e de crescimento. A busca de saídas provoca criatividade e novo dinamismo. O método democrático e participativo livra as lideranças do perigo da centralização do poder, forma explícita de egoísmo, e produz a corresponsabilidade com a divisão de ministérios, forma explícita de caridade.

Alguns dos que assumem serviços comunitários são mais evidenciados que outros, assim como Estevão e Filipe são destacados em Atos dos Apóstolos. Os demais: Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau são apenas citados no grupo dos escolhidos. Seu trabalho, porém, não teve menos importância. Certamente dedicaram-se de forma discreta e abnegada no serviço aos pobres. São como as pessoas anônimas de nossos dias, engajadas nas Comunidades Eclesiais de Base e nos diferentes ministérios, pastorais e movimentos. Sem a dedicação delas não aconteceria o Reino de Deus.

Bibliografia

CHAMPLIN. Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado Versículo por Versículo*, vol. 3, 4ª impressão, São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural Ltda, 1983, p. 128-134.



COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Vol. I, Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal e São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1988.

GASS, Ildo Bohn (org.). *As Comunidades Cristãs a partir da Segunda Geração*. Col. Uma Introdução à Bíblia, nº 8, São Leopoldo: CEBI e São Paulo: Paulus, 2005, p. 44-46.

LURKER, Manfred. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*, Verbetes: doze e sete. São Paulo: Paulus, 1993.

NOGUEIRA, Paulo. *A comunidade esquecida* – Um estudo sobre o grupo dos Helenistas em At 6,1-8,3, in *Cristianismos Originários (30-70dC)*, RIBLA, nº 22, 1995, p. 109-126.

RICHARD, Pablo. *O Movimento de Jesus depois da Ressurreição* – Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos, 2ª edição, São Paulo: Paulinas, 2001.

VV.AA. *Atos dos Apóstolos* – Obstáculos à evangelização ou desafios a serem superados? Revista Estudos Bíblicos, nº 70, Petrópolis: Vozes e São Leopoldo: Sinodal, 2001.

VV.AA. Uma leitura dos Ato dos Apóstolos. Col. Cadernos Bíblicos, nº 19, São Paulo: Paulinas, 1983.

Endereço do Autor:

Rua Francisco Goulart 103 / 303
Bairro Trindade
CEP 88036-600 Florianópolis, SC
E-mail: loraschi@itesc.org.br